

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

**CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E A CIDADE: O ESTADO DA ARTE SOBRE O
ESPAÇO E LUGAR DA CRIANÇA**

Ebrain Augusto Calil Bonfim

Prof. Dr. João Pedro Pezzato

Rio Claro (SP)

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

Ebrain Augusto Calil Bonfim

**CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E A CIDADE: O ESTADO DA ARTE SOBRE O
ESPAÇO E LUGAR DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro – SP

2021

B713c

Bonfim, Ebrain Augusto Calil

Concepção de infância e a cidade : Estado da arte
sobre o espaço e lugar da criança / Ebrain Augusto Calil
Bonfim. -- Rio Claro, 2021

37 p.

Trabalho de conclusão de curso (-) - Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e
Ciências Exatas, Rio Claro

Orientador: João Pedro Pezzato

1. Relação aluno-cidade. 2. Espaço geográfico. 3.
Criança e cidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA E A CIDADE: O ESTADO DA ARTE SOBRE O ESPAÇO E LUGAR DA CRIANÇA

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas - Campus de Rio
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel
em Geografia.

Comissão Examinadora

(João Pedro Pezzato)

(Andreia Osti)

(Diego Correa Maia)

Rio Claro, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

RESUMO

Nos últimos anos houve um crescimento significativo nas pesquisas denominadas estado da arte, não somente no Brasil, mas no resto do mundo. A presente pesquisa utiliza desse método para apresentar um mapeamento e discutir, no âmbito da geografia escolar e das ciências sociais, alguns aspectos das pesquisas que tratam da criança e da sua relação com a cidade. O livro intitulado Como as crianças veem a cidade serviu de inspiração para o tratamento do tema que buscou, no banco de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) artigos publicados sobre o tema no período de 2016 a 2021. Entre nossas buscas, procuramos compreender como os artigos abordam a relação da criança com a cidade? Há estudos que tratam da influência dos lugares na construção da identidade da criança? Como a geografia escolar tem se voltado para a formação cidadã? Nossa análise evidencia que a maioria dos textos selecionados são relatos de experiência ou artigos de reflexão que mostram uma carência de bibliografia acerca do tema.

Palavras-chave: Relação aluno-cidade; Espaço geográfico; Criança e cidade.



ABSTRACT

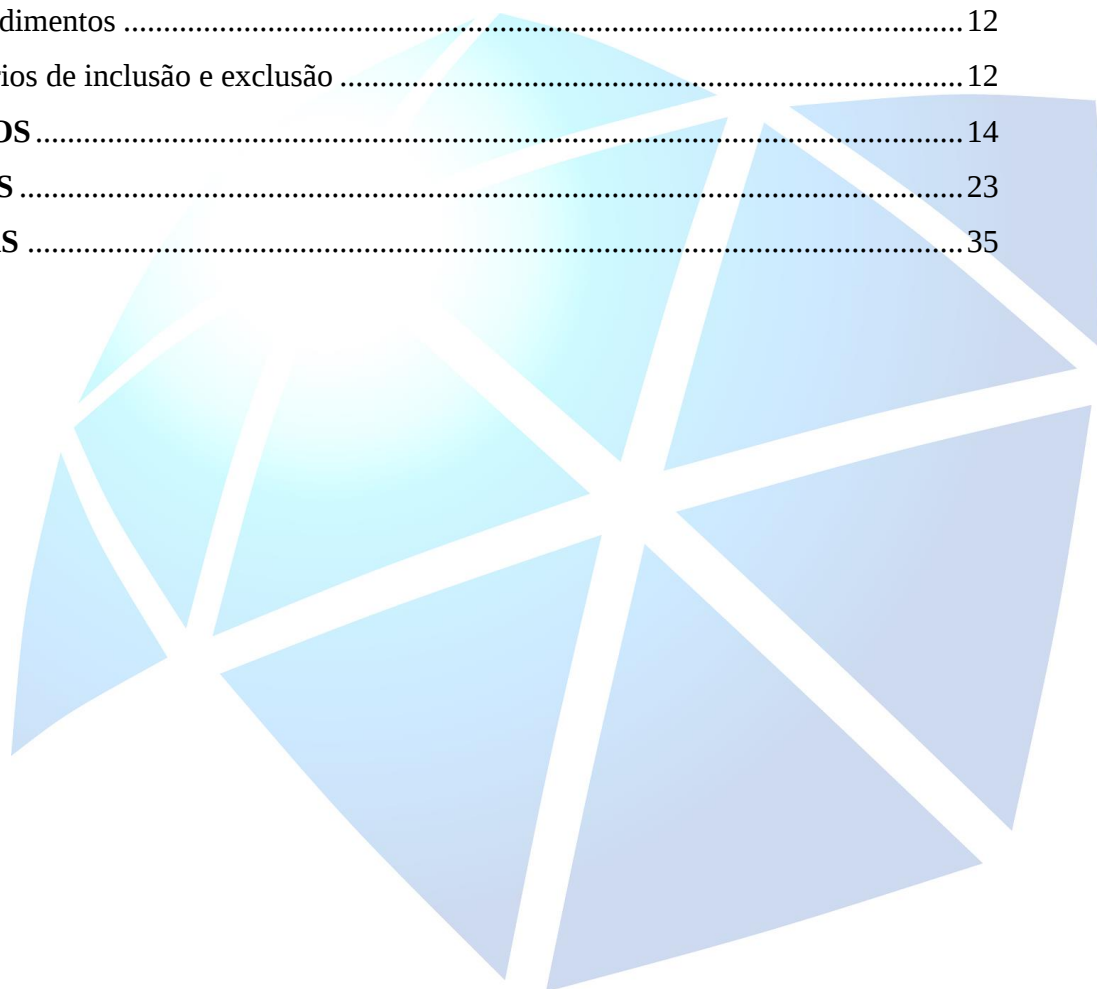
In recent years there has been a significant growth in research called state of the art, not only in Brazil, but in the rest of the world. The present research uses this learning method, seeking to map and discuss, within the scope of school geography and social sciences, the subjects related to the child's relationship and the city. The book named How children see the city served as an inspiration of the theme reached, in the Scientific Electronic Library Online (SCIELO) database, for articles published on the subject in the period from 2016 to 2021. Among our searches, we tried to understand how the articles address the child's relationship with the city? Are there studies that deal with the influence of places on the construction of the child's identity? How has school geography turned to civic education? Our analysis shows that most of the selected texts are experience reports or reflection articles that show a lack of bibliography on the subject

Keywords: Student-city relationship; Geographic space; Child and city.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Problema da pesquisa	10
1.2 Justificativa	10
1.3 Objetivos.....	10
1.3.1 Objetivo geral	10
1.3.2 Objetivos específicos.....	11
1.4 Estrutura da pesquisa	11
2 MATERIAIS E MÉTODOS	12
2.1 Classificação	12
2.2 Levantamento de dados	12
2.2.1 Procedimentos	12
2.2.2 Critérios de inclusão e exclusão	12
3 RESULTADOS	14
4 DISCUSSÕES	23
REFERÊNCIAS	35



1 INTRODUÇÃO

O estudo entre a cidade e a criança tem sido alvo de debate no meio acadêmico, principalmente no campo das Ciências Sociais, devido ao reconhecimento nos últimos anos do espaço geográfico como algo indissociável da vida do sujeito. A infância sempre foi dependente da delimitação dos espaços e, nos espaços urbanos modernos, as crianças só podem ser observadas em espaços especializados. Nos demais espaços da cidade, ela se torna invisível.

A sociedade contemporânea vem experimentando um processo de mudança demasiadamente acelerado, e, consubstancialmente, demonstra estar despreparada para absorver as transformações em ocorrência. Além disto, o abismo que separa os pobres dos ricos é cada vez maior, espremendo os menos favorecidos a diversos tipos de privações. Neste cenário caracterizado por mudanças e desigualdades, as crianças são as mais atingidas pelo problema.

Assim como toda a sociedade contemporânea, as cidades modernas também experimentam um cenário de constantes transformações, tanto nas relações, quanto nos aspectos econômicos, sociais e geográficos. Simmel (1974) afirma que a metrópole foi construída e elaborada por adultos, orientada primeiramente pelo fator econômico e, em segundo plano, estruturada por suas necessidades. O autor observa que foram criadas políticas voltadas para todos os habitantes urbanos, contudo, no caso do público infantil, tais políticas que previam as necessidades dos moradores da cidade, foram elaboradas por adultos, sufocando a voz das crianças.

É neste sentido que Vogel (1995) direciona sua obra. O autor inicia um trabalho sistemático de conscientização sobre os problemas dos grandes centros urbanos, a partir da narrativa de crianças, que expressam seus pontos de vista sobre a cidade. A obra se destaca pela abrangência, variedade e pertinência dos conteúdos, assim como pelas sugestões que o autor apresenta sobre como os problemas urbanos podem ser enfrentados, com a participação comunitária.

Só no interior de suas casas, crianças e adolescentes buscam por si só sua individualidade e por novos caminhos para traçar novas experiências. Müller e Nunes (2014) entendem que a cidade pode ser um agente propiciador de novas vivências, possibilitadas por experiências urbanas. Os autores problematizam a relação existente entre a criança e a cidade, remetendo às bases do pensamento sociológico, caracterizado pela complexidade da relação entre indivíduo e sociedade.

1.1 Problema da pesquisa

O espaço geográfico deve ser entendido sempre em articulação com o espaço social, e reciprocamente. Apesar da realidade do fato, a visão do adulto muitas vezes perde estas pistas de vista, ao pensar e executar políticas urbanas sem a participação da criança. Müller (2012) afirma que na comunidade acadêmica, a geografia da infância consolidou-se como uma abordagem interdisciplinar, ao explorar as dimensões geográficas da vida da criança.

Nos últimos anos houve um aumento na produção científicas denominadas como estado da arte. Considerando isto, a pergunta que este estudo buscou responder foi: Qual o estado da arte acerca das publicações em periódicos que tratam das concepções das crianças a respeito das dimensões geográficas da vida da criança? Quais os temas mais focalizados sobre as dimensões geográficas da criança na produção acadêmica da área da geografia escolar? Por quem este tema tem sido abordado? Onde as pesquisas que abordam a dimensão geográfica da vida da criança têm sido realizadas? Quais abordagens metodológicas têm sido empregadas nestes estudos?

1.2 Justificativa

O estudo contribui com a comunidade acadêmica, ao elaborar e apontar novos enfoques, e quais são os temas e abordagens mais pesquisados, preenchendo possíveis lacunas existentes. O desenvolvimento deste estudo contribui ainda com a organização, sistematização e análise da dimensão geográfica da vida da criança, além de indicar possíveis contribuições para novos estudos, e contribui de certa forma com as rupturas sociais.

Além disto, o estudo desperta atenção para o debate acerca de políticas voltadas para as crianças, incentivando a construção e o planejamento de cidades que seja mais amigáveis deste público.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

No âmbito da geografia escolar, o objetivo geral deste estudo é investigar como a produção científica tem tratado as concepções da dimensão geográfica pelas crianças em publicações acadêmicas nos anos de 2016 a 2021. Como as publicações em periódicos têm

estudado as impressões das crianças sobre a vida nas cidades?

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar quais periódicos brasileiros do banco de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), do período de 2016 a 2021, da área de Ensino da Geografia disponíveis na forma online, tem tratado do tema das representações das crianças sobre a cidade;
- Identificar, nesses periódicos, as referências dos artigos que tratam do tema selecionado;
- Analisar e categorizar os trabalhos encontrados, considerando a abordagem teórica e metodológica;
- Analisar e categorizar os trabalhos encontrados, considerando a origem institucional e geográfica de seus autores, suas formações iniciais e suas instituições.

1.4 Estrutura da pesquisa

O estudo foi dividido em cinco seções. A segunda seção apresenta destaca os materiais e métodos utilizados no desenvolvimento do estudo, além da delimitação do recorte temporal e do espaço geográfico do estudo. A terceira seção aponta o resultado da análise e sistematização, apresentados o Estado da Arte da relação da criança com a cidade. Optou-se preferencialmente pela apresentação dos resultados obtidos na pesquisa em foram de gráficos e tabelas. A quarta seção destinou-se as discussões a respeito dos resultados obtidos pelo estudo. Por fim, na quinta seção apresentadas na quinta seção, seguida pelo apontamento das fontes consultadas, que encerra o trabalho.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Os estudos denominados Estado do Conhecimento ou Estado da Arte, tomam os catálogos de faculdades, institutos, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa como fontes básicas de referência para realizar o levantamento dos dados e as suas análises. Esta seção apresenta os materiais e métodos utilizados neste estudo.

2.1 Classificação

No que diz respeito a sua finalidade, o estudo é categorizado como pesquisa básica, orientado para o aprofundamento de um conhecimento científico já estudado. Considerando sua abordagem, que tem por objetivo compreender fenômenos através da coleta de dados narrativos, o estudo é categorizado como uma pesquisa qualitativa. Quanto a sua natureza e propósito, foi classificado como pesquisa exploratória, ao explorar um problema desconhecido e tudo que está relacionado com ele.

2.2 Levantamento de dados

2.2.1 Procedimentos

O desenvolvimento deste estudo contou com o auxílio da técnica de pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e descritivo. As buscas foram realizadas a partir da digitação em diferentes combinações e de modo aleatório de palavras chaves como “criança e cidade”, “dimensão geográfica da criança” e “criança e espaço urbano” no banco de dados de publicações científicas *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO).

O período de abrangência da busca no banco de dados foi de janeiro de 2021 a abril de 2021.

2.2.2 Critérios de inclusão e exclusão

A inclusão dos artigos obedeceu a critérios de delimitação de recorte temporal e de espaço geográfico. Foram incluídos estudos publicados entre os anos de 2016 a 2021, em idioma português do Brasil. A delimitação geográfica estabeleceu a inclusão somente de estudos publicados em periódicos nacionais.

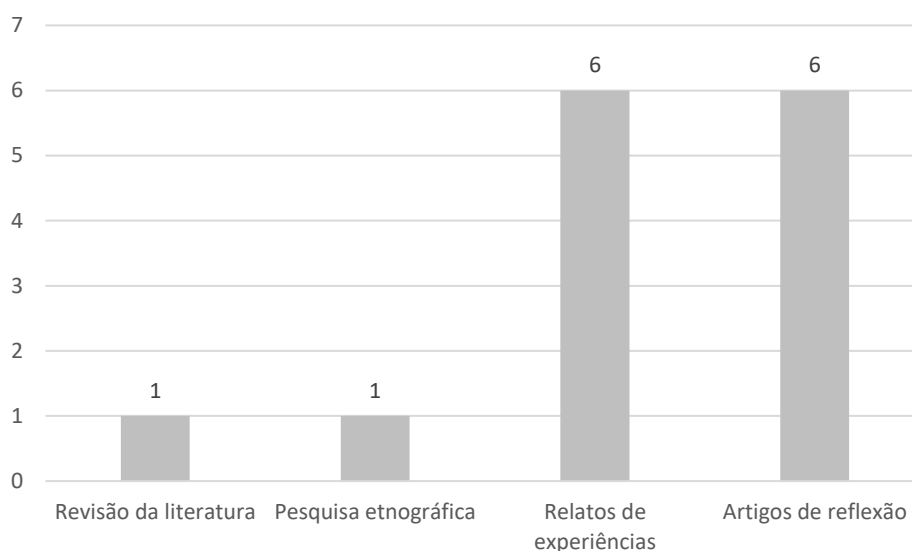
Não foram inclusos estudos publicados em revistas fora do Brasil. Como critérios de exclusão, foram excluídos artigos que não atendiam aos seguintes itens: estudo com significativo grau de importante para a pesquisa; bases teóricas claramente especificadas; discussão dos resultados apresentada de forma coerente; relevância da revisão da literatura apresentada na fundamentação teórica



3 RESULTADOS

Pôde-se constatar a maioria dos artigos (14 artigos) foram publicados em periódicos nacionais. Os estudos selecionados foram classificados quanto à sua categoria de publicação, conforme explicitado pelos periódicos, assim especificados: artigos de reflexão (6 artigos), estudos de revisão de literatura (1 artigo), pesquisa do tipo etnográfica (1 artigo) e relatos de experiência (6 artigos). A distribuição dos estudos segundo sua categoria de publicação é apresentada na Figura 1.

Figura 1: Distribuição dos estudos quanto à sua categoria de publicação



Fonte: Elaborado pelo autor

Na Tabela 1 são apresentados os recursos informacionais (bases consultadas), estratégias de busca, o total de referências recuperadas e a quantidade selecionada após analisar o título e o resumo das fontes.

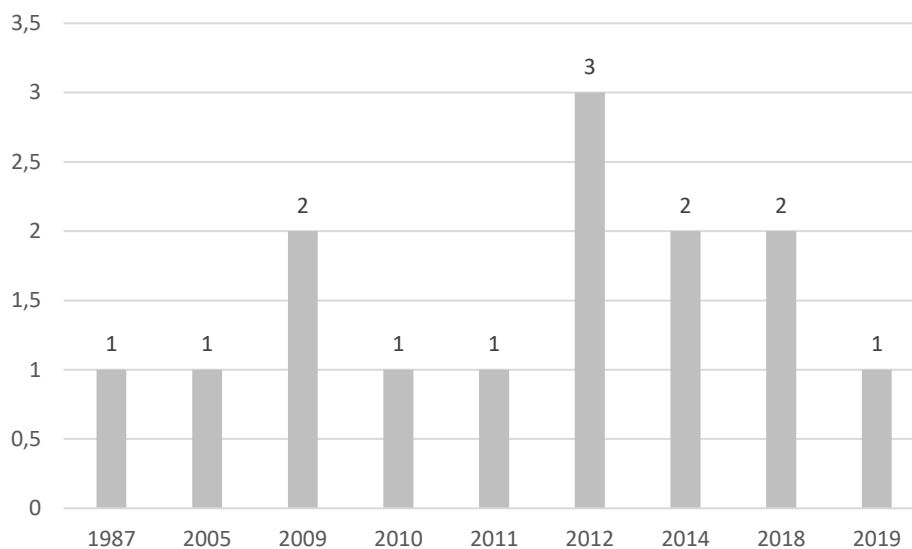
Tabela 1: Recursos e estratégias de busca, referências recuperadas e selecionadas

Recursos		Estratégias de busca	Ref. recuperadas	Ref. selecionadas
Portal Capes	Periódicos	Integrative review [Title/Abstract]	158	0
		Integrative [Palavras] and review [Palavras]	201	14

Fonte: Elaborado pelo autor

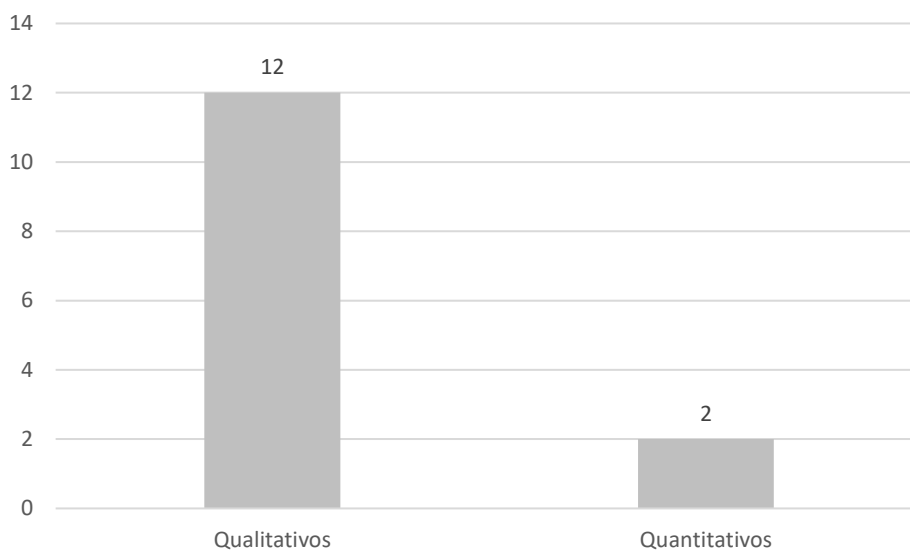
Foram incluídos artigos publicados em periódicos nacionais, entre os anos de 1987 a 2019, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2: Distribuição dos estudos segundo o ano de publicação



Fonte: Elaborado pelo autor

Os artigos foram categorizados quanto ao paradigma metodológico de estudo, sendo assim distribuídos: 12 estudos qualitativos e 2 estudos quantitativos, conforme demonstra a Figura 3.

Figura 3: Categorização dos estudos quanto ao paradigma metodológico

Fonte: Elaborado pelo autor

Foi feita uma categorização e contabilização dos estudos recuperados em relação às revistas que os artigos foram publicados. No total foram 8 revistas, a maioria específica da área de educação. As revistas estão apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2: Revistas encontradas nas buscas realizadas

Revistas	F	%
Tema Livre	1	7,14
Educação e Sociedade	2	14,28
Boletim de Geografia	1	7,14
Mercator - Revista de Geografia da UFC	1	7,14
Revista de Ciências Humanas	1	7,14
Perspectivas Atuais	1	7,14
Educação e Realidade	1	7,14
Revista de Ciências do Esporte	1	7,14
Anais COEB	1	7,14
Revista de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia	1	7,14
Acta Geográfica	1	7,14
Revista Eletrônica de Educação	1	7,14
Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do	1	7,14

Conhecimento

Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação ao referencial teórico utilizado nos estudos, 11 não especificaram no texto ou não adotaram um referencial teórico e 3 se fundamentaram na temática da criança e a cidade e problematização das relações urbanas. Descrevem-se, no Quadro 1, as características dos principais estudos incluídos na amostra.

Quadro 1: Síntese dos artigos incluídos com seus métodos, objetivos e resultados

Autor/ano	Método	Objetivos	Conclusões
Paganelli (1987)	Artigo de reflexão	Explicitar o processo de construção desses conceitos ao nível da ciência e do desenvolvimento da criança, para chegar a uma concepção de espaço que é o objeto de estudo da Geografia.	O autor concluiu que um espaço de uma sala, de uma escola, de uma rua, de uma cidade é o objeto de análise para identificação da relação forma/função/distribuição de poderes, para identificar na distribuição dos elementos e suas funções a lógica do sistema, a racionalidade, a eficiência, a divisão social do espaço.
Delgado e Müller (2005)	Artigo de reflexão	Ampliar as reflexões concernentes às pesquisas com foco nas crianças e suas culturas.	Os autores evidenciam a importância da atenção sobre os olhares das experiências e do ponto de vista das crianças no mundo contemporâneo, em vez de estabelecer comparações. Entendem que o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas sobre e com as crianças, suas experiências e culturas.
Nogueira e Carneiro	Revisão da Literatura	Contribuir para a educação geográfica	Os autores entendem que para a construção de um raciocínio

(2009)		hodierna, a partir de uma leitura de mundo segundo o paradigma da complexidade.	reflexivo sob essa ótica, são enfocados os princípios geográficos como instrumentos de análise referencial, extensão, localização, causalidade, analogia, conexidade e atividade, numa perspectiva de visão atual do espaço geográfico.
Hassler (2010)	Artigo de reflexão	Explicar as contribuições da geografia para o estudo de lugares.	O autor acredita ser fundamental que a aprendizagem e o ensino da geografia envolvam a observação, a análise, a criticidade e principalmente a compreensão. Para este autor, deve-se proporcionar formas de oportunizar e possibilitar a leitura e a escrita da geografia, tornando nossos alunos pessoas mais atentas e críticas para entender o mundo e para dialogar com ele, que é uma das formas de fazer Geografia.
Cavalcante (2010)	Artigo de reflexão	Discutir sobre a tarefa de ensinar Geografia na escola básica.	O autor percebeu que muitos docentes são comprometidos com um projeto de formação, tendo convicção da importância da Geografia escolar para a formação do educado. O autor sinaliza que a expectativa do trabalho do docente é contribuir na mudança da vida dos seus alunos, todavia, são conscientes de seus limites.
Alves e Foster	Relatos de Experiências	Analisar sumariamente as perspectivas que os	Os autores concluíram que os alunos apresentaram perspectivas

(2011)		alunos negros possuem sobre o mundo do trabalho.	fragilizadas sobre sua inserção no mundo do trabalho, na medida em que uma série de atropelos sociais revelaram como perspectiva central uma inserção precoce no mercado de trabalho e a secundarização da opção pelo ensino superior.
Müller (2012)	Relatos de Experiências	Analisar as visões das crianças sobre a cidade que habitam.	A análise das crianças se concentra nos espaços delimitados em imagens registradas por elas mesmas, criadas por elas ou para elas. As crianças também apresentaram suas opiniões, suas preocupações e seus medos, o que evidencia a necessidade de serem ouvidas e de participarem das discussões sobre a cidade em que vivem.
Hirama e Montagner (2012)	Pesquisa do Tipo Etnográfica	Apresentar características relevantes de um projeto socioeducativo na comunidade de Heliópolis, na cidade de São Paulo. Compreender as transformações vividas por adolescentes em seu cotidiano e relacionar as possíveis contribuições para a estruturação de ações que possuam o esporte como eixo norteador.	Os autores destacaram como resultados mais significativos a relação entre professor e aluno, o sentimento de pertencer e da continuidade no aprendizado. Constaram a importância de estudos que indiquem tratamento pedagógico criterioso ao se oferecer esporte como foco de atuação voltada para comunidades populares.

Siqueira (2012)	Relatos de Experiências	Refletir sobre a cidade, o urbano e a geografia escolar a partir de práticas pedagógicas no ensino fundamental de Florianópolis/SC.	A perspectiva proposta pelos autores de que o ensino da Cidade e do Urbano pode contribuir para a construção de um sujeito capaz, de forma autônoma e que compreende o espaço em sua volta. Por fim, os autores entendem que tal compreensão passa por uma análise socioespacial em que os conceitos de forma, função, estrutura e processo podem ser usados como categorias primárias na compreensão da atual organização espacial.
Siqueira (2014)	Relatos de Experiências	Discutir sobre educação geográfica e a cidade, a Geografia escolar, o método e o ensino da cidade.	O autor alerta a necessidade de continuar as pesquisas visando o aprofundamento do debate contribuindo para a qualificação dele.
Aitker (2014)	Artigo de reflexão	Destacar o movimento dos Izbrisani na Eslovênia e a Revolución de los Pingüinos no Chile, por meio de ideias desenvolvidas por filósofos geopolíticos e teóricos que estudam o espaço.	Por intermédio de exemplos apresentados adentro questões relativas às responsabilidades civis e ao ativismo de jovens e aos modos pelos quais podem ser reconhecidos o autor entende que os conceitos de criança, jovem e de político não precisam ter significados estabelecidos e generalizáveis. Todavia, o autor ressalta a importância do reconhecimento de que o político é inseparável da vida urbana e que crianças e jovens são uma parte

			inseparável dela.
Castellar e Juliasz (2018)	Relatos de Experiências	Discutir o papel dos mapas mentais no desenvolvimento dos conceitos de cidade, lugar e de paisagem, conceitos estruturantes para Educação Geográfica, tanto para crianças de 5 a 6 anos na Educação Infantil quanto na formação docente, no curso de Pedagogia.	Os autores concluíram que em todos os níveis de ensino, no cotidiano da sala de aula, a elaboração de mapas mentais permite o professor compreender o pensamento e espacial que o aluno tem e o que pensa sobre um determinado espaço e tema. Os autores sinalizam que a cartografia, enquanto uma linguagem que permite desenvolver as relações espaciais e temporais e as noções de orientação, distância e localização, construí para os conceitos da ciência geográfica.
Valencia (2018)	Relatos de Experiências	Socializar resultados de uma pesquisa qualitativa sobre as relações entre as crianças e a cidade onde moram, destacando seus pontos de vista e suas participações nos grupos culturais locais.	O autor concluiu que os grupos culturais colaboram para a construção das identidades pessoais e reforçam o sentimento de pertencimento/identidades sociais.
Gonçalves Filho (2019)	Artigo de reflexão	Refletir acerca da percepção da diversidade, espaço em qualquer lugar, e compreender o espaço dos não lugares.	O autor entende que, por se tratar de uma realidade recorte da multiplicidade fragmentada, que impacta diretamente na qualidade de vida dos sujeitos através das inquietações trazidas ao cotidiano pela consequência do interacionismo simbólico

			asseverando que os cidadãos, a coletividade e a cidade são arquitetados impactando nos espaços de não lugares ausentes de significado.
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor



4 DISCUSSÕES

Paganelli (1987) explicita o processo de construção do espaço geográfica na criança em artigo de reflexão, conceituando tal processo aos conceitos em nível da ciência e do desenvolvimento da criança, para chegar a uma concepção de espaço que é o objeto de estudo da Geografia. O autor concluiu que um espaço de uma sala, de uma escola, de uma rua, de uma cidade é o objeto de análise para identificação da relação forma, função e distribuição de poderes, para identificar na distribuição dos elementos e suas funções a lógica do sistema, a racionalidade, a eficiência, a divisão social do espaço.

Delgado e Müller (2005) buscaram ampliar as reflexões concernentes às pesquisas com foco nas crianças e suas culturas, ao associar a sociologia a dimensão geográfica dos sujeitos envolvidos. Os autores evidenciam a importância da atenção sobre os olhares das experiências e do ponto de vista das crianças no mundo contemporâneo, em vez de estabelecer comparações. Os autores sinalizam que a problemática brasileira ainda tem um longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas sobre e com as crianças, suas experiências e culturas.

Lajolo (2006) estudou a infância e mostra em suas percepções que quando falamos em infância nos vem a mente a ideia de que entender a criança dentro do seu mundo traz a necessidade de mudar a visão para conseguir mergulhar nesse mundo imaginário que se transforma em material de estudo ou ainda de legislação.

Nogueira e Carneiro (2009) revisaram a literatura na tentativa de contribuir para a educação geográfica hodierna, a partir de uma leitura de mundo segundo o paradigma da complexidade. Os autores entendem que para a construção de um raciocínio reflexivo sob essa ótica, são enfocados os princípios geográficos como instrumentos de análise referencial, extensão, localização, causalidade, analogia, conexidade e atividade, numa perspectiva de visão atual do espaço geográfico.

Há muitas variáveis existentes acerca das concepções sobre criança e infância, baseadas em suas construções sociais, históricas e culturais, em diferentes contextos como etnia, classe social, gênero e condições socioeconômicas. Por esse motivo descrito, é possível afirmar que existem várias formas de ser criança, ou seja, existem múltiplas infâncias atreladas ao fato de que há influência direta dos elementos e a imagem de criança construída no tempo e na história (EMEI RODRIGO SOARES JUNIOR, 2020)

Com isso, a educação infantil defende por meio da construção de uma Pedagogia para/com a Infância, que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, se estende até aos doze anos, permeando tanto a Educação Infantil quanto o Ensino Fundamental, a

concepção de criança contextualizada em sua existência social, cultural e histórica, fazendo parte da sociedade e da cultura de seu tempo e espaço, modificando e sendo modificada por elas (EMEI RODRIGO SOARES JUNIOR, 2020).

Todos esses fatores priorizam a forma como as Unidades de Educação Infantil organizam espaços, tempos, materiais, relações e currículo para a construção de um trabalho pedagógico, atuando diretamente na integralidade da criança, bem como em sua racionalidade, como ser humano que tem o direito de ser ouvido, socialmente competente, com direito à voz e à participação nas escolhas; com capacidade de criar e recriar sua história individual e social; como pessoa que constrói relações, teorias e culturas infantis por meio da expressão e da manifestação nas diferentes linguagens aos seus próprios olhos.

Falar ou não sobre a infância, percebe-se que ela não ocupa importância nos discursos idealistas onde se tem a necessidade de um lugar de sujeito falante que acabam coexistindo em meio a ideia de um discurso mais realista de acordo com (LAJOLO, 2006).

Hassler (2010) buscou explicar as contribuições da geografia para o estudo de lugares, em artigo de reflexão. O autor acredita ser fundamental que a aprendizagem e o ensino da geografia envolvam a observação, a análise, a criticidade e principalmente a compreensão. Para este autor, deve-se proporcionar formas de oportunizar e possibilitar a leitura e a escrita da geografia, tornando nossos alunos pessoas mais atentas e críticas para entender o mundo e para dialogar com ele, que é uma das formas de fazer Geografia.

Cavalcante (2010) discutiu a tarefa de ensinar Geografia na escola básica. O autor percebeu que muitos docentes são comprometidos com um projeto de formação, e são convictos da importância da Geografia escolar para a formação do educado. O autor afirma que a expectativa do trabalho do docente é contribuir na mudança da vida dos seus alunos, todavia, são conscientes de seus limites.

Alves e Foster (2011) relataram suas experiências e analisaram as perspectivas que os alunos negros possuem sobre o mundo do trabalho. Chegaram a conclusão de que os alunos negros apresentaram perspectivas fragilizadas sobre sua inserção no mundo do trabalho, na medida em que uma série de atropelos sociais revelaram como perspectiva central uma inserção precoce no mercado de trabalho e a secundarização da opção pelo ensino superior.

Müller (2012) também relatou sua experiência, em análise das visões das crianças sobre a cidade que habitam. O autor chegou à conclusão de que a análise das crianças se concentra nos espaços delimitados em imagens registradas por elas mesmas, criadas por elas ou para elas. O autor ressaltou que as crianças apresentaram suas opiniões, suas preocupações e seus medos, o que evidencia a necessidade de serem ouvidas e de participarem das discussões sobre a cidade

em que vivem.

Lajolo (2006) analisou que a criança nem sempre é vista como incapaz para a autora existe ainda outras categorias de semelhantes que formam grupos que se sentem fora da realidade do mundo e vivem em uma concepção de que são os únicos em seu meio. Lajolo ainda que a criança é mero objeto na mente do sujeito. Bujes (2002) argumentou que produzir o saber na criança se conecta de maneira regular na sua conduta onde domina o espírito infantil em relação a instituição que está voltada ao cuidados mostrando que a infância passou a ser domínio de interesse de estudo e aprendizado, para conhecer esse mundo.

Em Lajolo (2006), o saber histórico marca a passagem de registros mais antigos em relação aos contemporâneos que ensinam que as crianças e a infância foram concebidas com tratamentos diferentes em lugares distintos dentro da história do ser humano. Nessa perspectiva o interessante é o significado da palavra infância, que mostra diferentes formas de entendimento já que existe mudança na vida, assim se percebe que a infância tem diferentes interpretações ao longo da história sendo tantas quantas forem as ideias, práticas e discursos que em torno dela e sobre ela se organizem.

Com o pensamento de Lajolo (2006), podemos ver que a autora traz muitas concepções em relação a infância, e desde o início dos tempos a criança era vista como um adulto pequeno, mas diferentes dele pela sociedade, mostrando que muitas concepções foram criadas dentro do espaço e do tempo.

Marita Redin (2007) vê a criança como um narrador da sua história, de suas descobertas e no que ela faz e ainda em que acredita. Dessa forma a criança não é ouvida nos mais diversos estudos que investigam o que é ser criança ou como ser criança nesse mundo complexo em que vivemos.

Em pesquisa do tipo etnográfica, Hiram e Montagner (2012) apresentaram as características mais relevantes de um projeto socioeducativo, desenvolvido na comunidade de Heliópolis, na capital paulista. Os autores buscaram compreender as transformações vividas por adolescentes em seu cotidiano, e relacionaram tais expectativas as possíveis contribuições para a estruturação de ações que possuam uma atividade esportiva como eixo norteador.

Hiram e Montagner (2012) destacaram a relação entre professor e aluno, o sentimento de pertencer e da continuidade no aprendizado como resultados mais significativos desta experiência. Por fim, constaram a importância de estudos que indiquem tratamento pedagógico criterioso ao se oferecer esporte como foco de atuação voltada para comunidades populares.

Siqueira (2012) relatou sua experiência em estudo que refletiu sobre a cidade, o espaço urbano e a geografia escolar a partir de práticas pedagógicas no ensino fundamental no

município de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. A perspectiva proposta pelos autores sugere que o ensino da Cidade e do Urbano pode contribuir para a construção de um sujeito capaz, de forma autônoma e que compreende o espaço em sua volta. Por fim, o autor entende que tal compreensão passa por uma análise socioespacial em que os conceitos de forma, função, estrutura e processo podem ser usados como categorias primárias na compreensão da atual organização espacial.

Em outro estudo desenvolvido por Siqueira (2014), foram relatadas as experiências acerca da educação geográfica e a cidade, a Geografia escolar, o método e o ensino da cidade. O autor alerta a necessidade de continuar as pesquisas visando o aprofundamento do debate contribuindo para a qualificação dele.

Aitker (2014) destacou o movimento dos *Izbrisani*, na Eslovênia e a *Revolución de los Pingüinos* no Chile, por meio de ideias desenvolvidas por filósofos geopolíticos e teóricos que estudam o espaço. Por intermédio de exemplos apresentados pelo autor adentro das questões relativas às responsabilidades civis, ao ativismo de jovens e aos modos pelos quais podem ser reconhecidos, chegou a conclusão de que os conceitos de criança, jovem e de político não precisam ter significados estabelecidos e generalizáveis. Todavia, o autor ressalta a importância do reconhecimento de que o político é inseparável da vida urbana e que crianças e jovens são uma parte inseparável dela.

Redin (2007) explica que houve um período onde a infância foi insignificante pois para ser considerada como um adulto ela tinha que aprender pois criança não é para ser ouvida devido ao seu mundo imaginário dentro da sociedade em que vivia, dessa forma entende-se que na concepção da autora a criança na mentalidade do adulto não tinha direito a nada e a dizer nada para ser acreditada precisava, inclusive, passar antes pela escola.

Assim conforme a autora destaca que a palavra infância traz uma complexidade pois, a criança vive no seu mundo infantil, mas, depende de muitos fatores para sobreviver, como por exemplo se ela vem de uma camada social mais pobre ela vive de carências materiais e em situação de dependência dos outros, ao passo que se a criança vive em uma classe burguesa não tem carência material podendo viver sua infância sem problemas.

Larrosa (2006) analisou o enigma da infância, mostrando que se tinha a ideia de que a educação era como uma fábrica onde se realizava o que era possível, e que a sociedade define o que é infância, o que ela faz e o que falta para ela em termos de carência e quais seus desejos, dessa forma se percebe uma mudança na perspectiva do seria infância. Para Larrosa (2006, p.16), cabe pensar “a infância não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha e nos interpela”. Dessa forma o autor infância pode ser entendida como aquele que nasce, o que

olhamos e nos colocamos em análise essa relação em meio ao que construímos e como vamos classificar, quando se pensa na infância sob esse olhar vê-se que vivemos um olhar diferenciado sobre ela, onde se reconhece e assiste a enorme pluralidade do pensamento cultural de sentir e saber o que caracteriza a infância.

Buscando entendimento na cultura infantil em-se em Souza (2007, p 07) “a criança é sujeito social, investigado, observado e compreendido a partir de perspectivas investigativas e teóricas distintas”. Assim analisando os dizeres da autora sobre o tema pode-se perceber que a discussão gira em torno do dia a dia das crianças em família, no discurso e na análise discursiva que nos traz reflexões sobre a teoria dentro da antropologia, da filosofia, da psicologia, emergindo sobre o contexto social quando os adultos se referem as crianças.

Para Souza (2007, p. 74) [...] a criança e sua infância não representam, por conseguinte, a natureza purificada em estado virgem. Nasce marcada pela cultura mesmo que sem ainda apropriar-se dela por completo, cresce como natureza em função das suas necessidades – comuns e específicas, de sono, afeto, amamentação, entre outros cuidados. A tradição do pensamento evolucionista difundido também na esfera educacional traz a ideia de uma criança “individualizada” naturalmente e que se tornará no decorrer do seu desenvolvimento com as devidas condições favoráveis um sujeito “socializado”, a escola tendo assim o papel de socializadora tanto no plano do conhecimento como das relações.

Em Souza (2007), encontramos a opinião do autor sobre o mundo da criança como sendo uma forma de cultura que constrói autonomia ou de domesticação, devido a esse aspecto ser somente social a criança e sua infância se mostram como sendo uma visão ampla no meio de um discurso, assim sendo o que se vê em relação a esse aspecto sobre a criança e sua infância é que ela constitui e é constituída. Deixando o sentimento de infância, configurado como um aspecto relevante que encanta e vislumbra, tornando possível que as pessoas possam ter uma visão não só em relação a idade, à cronologia, a uma etapa psicológica ou ainda a um tempo linear, mas sim conforme acontece dessa forma a infância nesse sentido é uma forma de vida que cria momentos de pensar e de viver.

Dentro do processo de socializar-se a criança exerce um papel mais ativo agindo em meio as interações sociais e em meio a essa vivência de aprendizado aprende a entender o mundo em que vive “em suas práticas, existe, para além da estereotipia, uma singularidade nas produções simbólicas e artefatos infantis que configuram o que a sociologia da infância define como cultura infantil” (SARMENTO, 2004, p. 20). O autor explica ainda que em relação ao questionamento sobre a definição da cultura infantil interpreta-se a criança como um produtor independente, sustentando ainda que [...] o debate não se centra no fato, reconhecido, de que as

crianças produzem significações autônomas, mas em saber se essas significações se estruturam e consolidam em sistemas simbólicos relativamente padronizados, ainda que dinâmicos e heterogêneos, isto é, cultura (SARMENTO, 2004, p. 21).

Redin (2007, p. 14) retomando as ideias de Sarmento, acaba sugerindo que é necessário analisar com mais crítica a concepção presente e o estereótipo sobre a infância reforçando que o conceito de infância “está longe de corresponder a uma categoria universal, natural, homogênea e de significado óbvio”. Sarmento (2004, p. 62) mostra que a criança é um ator social e capaz de construir seu mundo na sociedade em que vive elas “constroem o ambiente que as rodeia e a sociedade mais vasta em que vivem”.

Em meio a preocupação com a tecnologia que domina o mundo na atualidade, o tempo é mais acelerado e tende a interferir no desenvolvimento natural da criança, pois as mesmas são inseridas cada dia que passa mais cedo no mundo dos adultos, e quase sempre sem escolha, dessa forma a criança passa a interpretar tudo o que acontece a sua volta com cenas sendo interpretadas sem que consigam entender ou transforma-la em representação, se tornando angustiadas com o desconhecido a sua volta acabam passando por experiências que não tem condições de entender e distinguir o real do irreal.

Com o passar do tempo, independentemente da sociedade ou época, a concepção de criança historicamente construída vem mudando. Por esse motivo é notado muitas vezes a diferença de como as crianças pequenas são consideradas em cada cidade, o que ocorre muitas vezes de acordo com a classe social que pertencem ou mesmo o grupo étnico do qual fazem parte. Infelizmente no Brasil, boa parte das crianças pequenas, já desde cedo enfrenta uma infância difícil, em condições precárias, num cotidiano muitas vezes marcado pelo trabalho infantil, abuso e exploração por parte de adultos (EMEI RODRIGO SOARES JUNIOR, 2020)

Mas também há outras crianças, em melhor contexto social, que recebem maior proteção e melhores cuidados, essenciais para seu desenvolvimento. Toda essa disparidade existente só mostra a contradição e conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais. Assim como o adulto, a criança é sujeito social, inserida numa sociedade, fazendo parte de uma organização familiar, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. Para a criança é determinante e fundamental o meio social em que se desenvolve, as interações sociais ao longo da vida, seja na família, seu principal ponto de referência como em outras instituições.

De uma forma única e muito peculiar, as crianças procuram entender o mundo a sua volta de seu próprio jeito, e por isso, desde cedo, criam relações e interagem com as pessoas

mais próximas, se desenvolvendo e se expressando por meio de brincadeiras, que tanto retratam as condições de vida a que estão submetidas como seus anseios e desejos.

Para que as crianças desenvolvam maior conhecimento, elas se utilizam de diferentes linguagens e criam em suas mentes, com a surpreendente capacidade que possuem, ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Portanto, pode se afirmar que as crianças constroem o conhecimento baseado nas interações estabelecidas com outras pessoas em seu cotidiano, por meio do fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação e não apenas pela realidade (EMEI RODRIGO SOARES JUNIOR, 2020).

Assim, as crianças se desenvolvem e constrói sua identidade pessoal atreladas as interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, um aspecto que envolve a brincadeira, a imaginação, a fantasia, o desejo de aprender, bem como a observação, a narrativa, os experimentos e questionamentos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

De acordo com Salles (2005) é bem distintiva a relação existente entre indivíduo e sociedade, pois muitas vezes, ela se dá como a interação entre elementos separados. O indivíduo é encarado tanto como mera reprodução da sociedade, como independente dela, traçando um paralelismo entre eles. Isso está intimamente relacionado a organização social e cultural dos envolvidos mesmo com o fato de que que nem sempre tenha sido entendido dessa forma, pois o privado era percebido como subjetivo, no sentido de independente da sociedade. Os elementos básicos que constituem o psiquismo, como os sentimentos de afetos, os desejos, as emoções e a vontade, eram vistas inerentes ao eu, a parte da sociedade.

No entanto, para se entender melhor a subjetividade, é preciso de referências de homens reais e concretos de uma organização social e cultural. É interessante notar que, um homem quando vive em sociedade, apropria-se da realidade, do social e o mundo exterior se torna interno (LEONTIEV, 1978; VYGOTSKY, 1993).

Toda a construção do indivíduo e sua subjetividade estão apoiadas nas experiências particulares, na sua individualidade, bem como nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais está inserido. Assim toda sua singularidade, o que difere os homens entre si, é determinada de forma concreta. (FERNÁNDEZ VILLANUEVA & TORREGROSA, 1984; BERGER & LUCKMANN, 2002).

Para Salles (2005), o que realmente determina as significações da realidade subjetivada pelo indivíduo na relação entre o social, é a elaboração e transformação dessas significações através da própria experiência pessoal. E com isso, Leontiev (1978), menciona ainda que é por meio dessas significações, historicamente produzidas, apropriadas pelo indivíduo que as transforma acordo com o seu psiquismo individual.

Ainda segundo Salles (2005) são partes do pensar cotidiano, as significações subjetivadas, ou seja, tais significados, produzidos pela sociedade, passam a ter um sentido pessoal, e a partir disso, se individualizam, se subjetivam e se transformam por meio de atividades e pensamentos de indivíduos concretos. A manifestação da subjetividade pela cultura de dá por meios linguísticos, os signos e as maneiras de manifestação, e quando há mudanças na cultura, causam-se implicações em como é construída tal subjetividade.

As experiências, os conhecimentos, os valores e as informações constituídas pela tradição, comunicação, mídia, educação e ciência, constitui o chamado psiquismo. (Leontiev, 1978; Vygotsky, 1993). Enquanto o psiquismo é determinado pelas relações sociais, mediato e não mediato, a subjetividade é o produto das relações e mediações sociais. Assim pode-se dizer que a sociedade impõe ao indivíduo a forma pela qual as subjetividades são construídas.

Na observância de Salles (2005), é através da cultura de uma indústria de informação que é criada a identidade da criança e do adolescente, por meio dos bens culturais, de lazer e de consumo, que valoriza o presente, o cotidiano, na grande busca pelo prazer imediato.

Por essa razão, a subjetividade passa a ser construída e focada no “eu”, com outras relações em tempo e espaço social específico. No entanto, hoje não é mais possível se caracterizar e captar toda a complexidade do significado de infância e adolescência, mesmo se utilizando concepções anteriores não descartadas, pertinentes a essa área de estudo, respondendo a questões presentes. A sociedade atual exige cada vez mais uma revisão da distinção entre criança, adolescente e adulta. (SALLES, 2005).

Portanto, repensar todos os parâmetros que definem infância e adolescência como etapas da vida na sociedade atual tona-se uma grande necessidade. É observada a diferença e modificações nessa mesma concepção no final do século XVIII e início do XIX, concretizando-se como uma etapa distinta da vida em sociedade. E para Ariès (1986), toda essa concretização da concepção apresenta-se como essencial à constituição da família nuclear, do estado nação e da nova organização do trabalho produtivo.

Segundo Salles (2005) ainda, todo o conceito de infância é uma invenção própria da sociedade industrial, tornando o jovem dependente de seu país pelas leis trabalhistas e sistema educacional. De acordo com Ariès (1986), a fase da adolescência foi reconhecida por meio da escolarização, com separação entre seres adultos e seres em formação, relacionadas a família burguesa, onde há uma distinção e separação do exterior e exclusão da criança ao trabalho. Toda a organização social é regida por esse modelo que a princípio teve início em famílias de classes sociais mais abastadas. Tal modelo excluiu a criança do trabalho e de responsabilidades,

distintas dos adultos, excluídas também de atividades nas quais até então a sua presença era usual.

Mas o grande desafio lançado para a Educação Infantil é exatamente saber compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças verem o mundo ao qual estão inseridas. Cada criança se mostra única, com suas individualidades e diferenças, o que mesmo com a ajuda dos conhecimentos da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, torna-se complexo para se desvendar os mistérios do universo infantil (EMEI RODRIGO SOARES JUNIOR, 2020).

Tanto é que vários autores como Piaget, Lev Semionovitch Vygotsky e Henry Wallon pesquisaram de maneiras diferentes, com vario enfoques e abordagens o tema de concepção e construção de conhecimentos pelas crianças em interação social. Para a educação, esses conhecimentos adquiridos têm influenciado enfaticamente o campo da educação, pois é com o construtivismo que se reúnem as ideias para que seja realmente significativo, o papel da interação social no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança (EMEI RODRIGO SOARES JUNIOR, 2020).

Castellar e Juliasz (2018) relataram suas experiências em discussões acerca do papel dos mapas mentais no desenvolvimento dos conceitos de cidade, lugar e de paisagem, conceitos estruturantes para Educação Geográfica, tanto para crianças de 5 a 6 anos na Educação Infantil quanto na formação docente, no curso de Pedagogia. Os autores concluíram que em todos os níveis de ensino, no cotidiano da sala de aula, a elaboração de mapas mentais permite o professor compreender o pensamento e espacial que o aluno tem e o que pensa sobre um determinado espaço e tema.

Castellar e Juliasz (2018) sinalizam que a cartografia, enquanto uma linguagem que permite desenvolver as relações espaciais e temporais e as noções de orientação, distância e localização, construiu para os conceitos da ciência geográfica.

Valencia (2018) socializou os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre as relações entre as crianças e a cidade onde moram, e destacou seus pontos de vista e suas participações nos grupos culturais locais. Em seu relato de experiência, o autor concluiu que os grupos culturais colaboram para a construção das identidades pessoais e reforçam o sentimento de pertencimento/identidades sociais.

Por fim, Gonçalves Filho (2019) refletiu acerca da percepção da diversidade, espaço em qualquer lugar, e a compreensão do espaço dos não lugares. O autor entende que, por se tratar de uma realidade recorte da multiplicidade fragmentada, que impacta diretamente na qualidade de vida dos sujeitos através das inquietações trazidas ao cotidiano pela consequência do

interacionismo simbólico asseverando que os cidadãos, a coletividade e a cidade são arquitetadas impactando nos espaços de não lugares ausentes de significado.

Segundo Barbieri (2016) a vida das crianças gira em torno de suas potencias, a imaginação, seu espírito brincalhão. Certa artista plástica relembra sua infância na imaginação, na criação de histórias e filmes internos numa rica vivencia através das brincadeiras. “Eu balançava horas e horas por dia, no balanço do quintal, e na cadeira de balanço eu dormia, meditava e brincava.”

No momento em que as crianças estão brincando, elas estão na realidade, através do estado de percepção, criando outros movimentos para a vida, vivendo muito mais o estado da arte. A criança o vivencia o estado da arte de muitas maneiras, estando mais abertas, aprendendo demais ao longo de apenas um dia, como em ocasiões que olham uma coisa micro na calçada, ou no céu, o formato das nuvens (BARBIERI, 2016).

Mas, muitas vezes o que acontece na realidade é que a criança gosta de estar com os amigos, de imaginar e brincar, mas não gosta do ensino na escola. Isso porque, o maior desafio ainda é as diferentes formas de diálogo para que todas as crianças e jovens sintam-se acolhidos.

Quando as crianças são ainda pequenas, tudo é uma possibilidade, ou seja, elas não dependem de brinquedos específicos para se expressarem, ao contrário, desde a nuvem do céu até a folha seca caída no chão já são partes de uma brincadeira e imaginação.

A prontidão para a vida está inserida na criança em qualquer parte do Brasil, tendo ela equipamentos culturais ou não, pois o espaço em que essa prontidão brilha pode ser o quintal ou a própria casa.

E para não perder ainda mais essa essência com o tempo é preciso desacelerar. A correria do cotidiano faz com que vá se perdendo essa maneira simples de olhar para o mundo.

A sociedade nos dias atuais precisa ter novidade todo dia, e isso cria um grande vazio. Assim é urgente que se reconheça e se valorize pequenas coisas, pequenos gestos, pois é através de uma pequena mudança que se muda tudo, e o que realmente vale a pena são os encontros fugidios.

Na opinião de Brandão et al. (1986, p. 7), o conhecido como “Estado da Arte” levanta dados sobre determinadas áreas através de pesquisas realizadas, sendo este originário da literatura científica americana”.

Mas, segundo Ferreira (2002, p. 258), existe um grande desafio quanto ao “Estado da Arte”, ou seja, há a dificuldade de se ir mapeamento as produções científicas nas várias facetas do conhecimento, atentando-se à épocas e territórios, e por isso, pode-se afirmar que essa metodologia de caráter inventariante e descritiva tem como maior objetivo conhecer “em que

condições as teses, dissertações, publicações em periódicos, comunicações em anais de congressos e seminários têm sido produzidas”.

Segundo ainda Romanowsky e Ens (2006) o “Estado da Arte”, se tornou um grande marco na história, já que sempre objetivou acompanhar a evolução do conhecimento científico durante certo período de tempo. Isso é evidenciado pelo seu uso em pesquisas bibliográficas na área da Educação, Ciências Sociais e Saúde.

Após todas as citações acima, pode-se afirmar que o Estado da Arte nada mais é que o acervo composto por diferentes tipos de pesquisas, com vários graus de aprofundamento e registros. Com essa modalidade é possível interagir e dialogar com outros pesquisadores, coletando maior riqueza de dados produzidos em suas pesquisas. Para Sposito (2009, p. 40) são poucos os autores “que constroem problemáticas com outros pesquisadores por meio de diálogos sobre o mesmo tema, o que certamente atrapalha a acumulação horizontal do processo de conhecimento”.

Assim, para acompanhar as mudanças na ciência, observando as diferentes vertentes e facetas, tem se usado essa metodologia por autores que a consideram importante sobre as quais o conhecimento científico vem se constituindo.

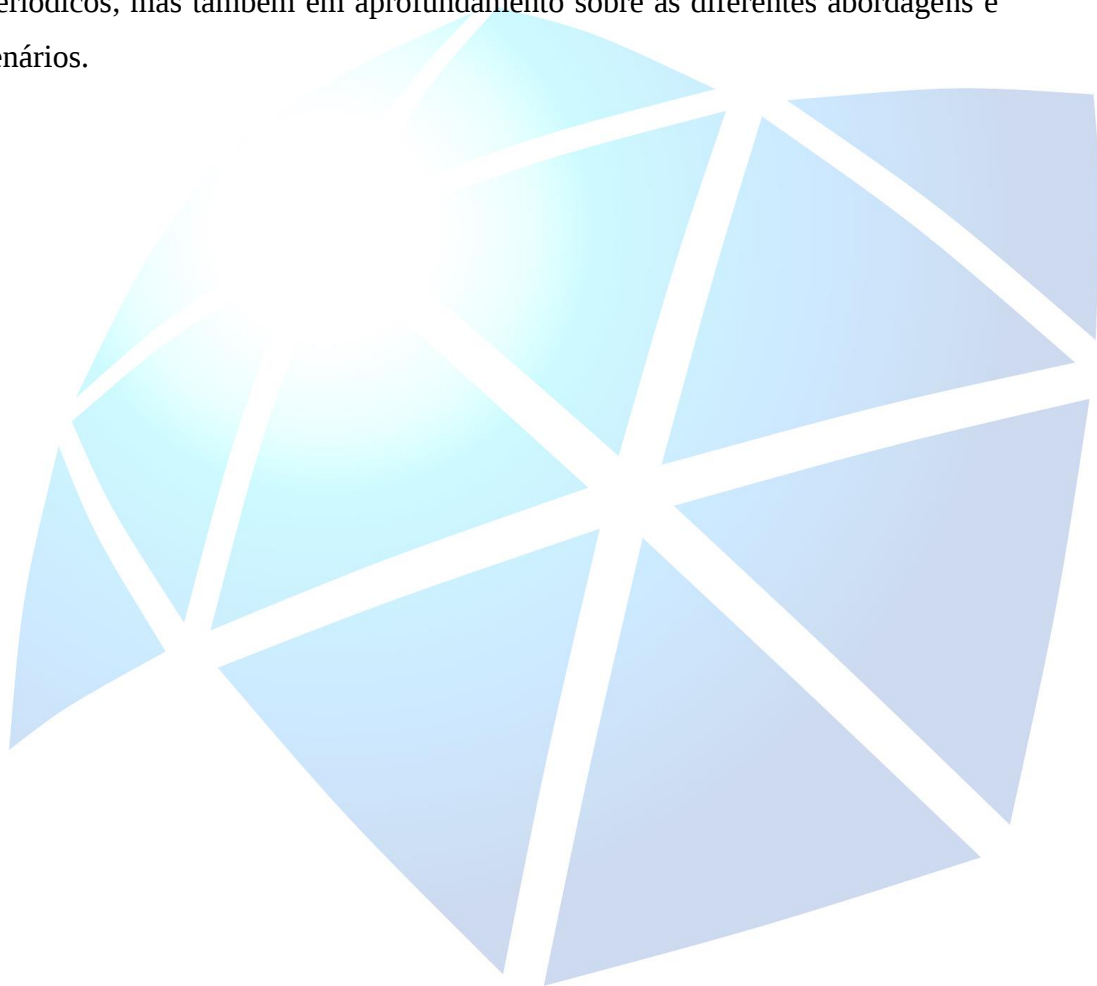


5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise sobre as pesquisas relacionadas com as crianças e a cidade, utilizando de diversos periódicos para ver como os estudos tratam esse tema, se é muito citado e como os autores exploram essa ideia. Foi utilizando o modo de estudo de “estado da arte”, assim investigando produções científicas em banco de dados e as categorizando com base no que foi abordado.

Esse trabalho buscou entender se o tema é de interesse da academia científica e como pode se ver, o assunto mostra um crescente nos trabalhos produzidos nos últimos anos. Dos textos analisados, a maioria presente foram relatos de experiência e artigos de reflexão que mostra a falta de bibliografia acerca do tema.

Por fim, a partir da exposição dos diversos autores pesquisados, conclui-se que o tema concepções de infância e cidade tem um caminho pela frente, não somente no quesito quantidade de periódicos, mas também em aprofundamento sobre as diferentes abordagens e nos diferentes cenários.



REFERÊNCIAS

- AITKEN, S. Do apagamento à revolução: o direito da criança à cidadania/direito à cidade. **Educação e Sociedade**, v. 35, n. 128, p. 675-698, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302014000300675&script=sci_arttext. Acesso em: 28. jun. 2021.
- ALVES, J. P. da C.; FOSTER, E. da L. S. Perspectivas do aluno negro da escola pública sobre o mundo do trabalho na cidade de Macapá/AP. **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.ufv.br/ojs/RCH/article/view/3903>. Acesso em: 28. jun. 2021.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1986.
- BARBIERI, S. Crianças vivem muito mais o estado da arte. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@itau/stela-barbieri-crian%C3%A7as-vivem-muito-mais-o-estado-da-arte-e9b9c24acbc3>>. Acesso em: 25 jul 2021.
- BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B; ROCHA, A. D. C. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão** (2. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Dois Pontos. 1986.
- BERGER, P., & LUCKMANN, T.A. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento (22a ed.). Rio de Janeiro: Vozes. 2002.
- BUJES, M. I. E. Infância e maquinarias. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CASTELLAR, S. M. V.; JULIASZ, P. C. S. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. **Acta Geográfica**, p. 160-178, 2018. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4779>. Acesso em: 28. jun. 2021.
- CAVALCANTI, L. de S. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, p. 1-13, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>. Acesso em: 28. jun. 2021.
- DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 351-360, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a02v2691>. Acesso em: 28. jun. 2021.
- DORNELLES, L. V. Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, 79, 2002.
- GONÇALVES FILHO, A. **Diversidades: Compreendendo o espaço dos não lugares**. a. 4. ed. 12, v. 3, p. 13-23. 2019. Disponível em:

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/compreendendo-o-espaco>. Acesso em: 28. jun. 2021.

HASSLER, M. L. Contribuição geográfica para o estudo do lugar. **Mercator**, v. 8, n. 16, p. 157 a 165-157 a 165, 2009. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/247>. Acesso em: 28. jun. 2021.

HIRAMA, L. K.; MONTAGNER, P. C. Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 1, p. 149-164, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892012000100011&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 28. jun. 2021.

LAJOLO, M.. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). História social da infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

LARROSA, J. Linguagem e educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. _____. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEONTIEV, A.N. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ediciones Ciências del Hombre. 1978.

LUCCAS, M. B. **Práticas pedagógicas em educação ambiental na educação infantil** : análise de dissertações e teses brasileiras / Marinete Belluzzo Luccas. - Rio Claro, 2016 241 f.

MÜLLER, F. Infância e Cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 1, p. 295-318, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362012000100295&script=sci_arttext. Acesso em: 28. jun. 2021.

MÜLLER, F. Infância e Cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 1, p. 295-318, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362012000100295&script=sci_arttext. Acesso em: 28. jun. 2021.

MÜLLER, F.; NUNES, B. F. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 128, p. 659-674, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302014000300659&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 28. jun. 2021.

NOGUEIRA, V.; CARNEIRO, S. M. M. Educação geográfica e formação da consciência espacial-cidadã: contribuições dos princípios geográficos. **Boletim de Geografia**, p. 25-37, 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8434>. Acesso em: 28. jun. 2021.

PAGANELLI, T. I. Para a construção do espaço geográfico na criança. **Terra Livre**, n. 2, 1987. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/download/47/40>. Acesso em: 28. jun. 2021.

REDIN, Marita Maria. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: REDIN, Euclides; MULLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Orgs.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 11-22.

_____. Planejando na educação infantil com um fio de linha e um pouco de vento. In: REDIN, Euclides; MULLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Orgs.). *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 83-96.

ROMANOWSKI, J. P & ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte". **Revista Diálogo Educacional**, 2006.

SALLES, L. M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. 2005. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/p6nq9YHw7XT7P7y6Mq4hw3q/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em: 25 jul. 2021.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coords.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, O. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SIQUEIRA, S. A. de et al. A cidade, o urbano e a geografia escolar: reflexões a partir de práticas pedagógicas no ensino fundamental de Florianópolis/SC. **COEB/2012**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96115>. Acesso em: 28. jun. 2021.

SIQUEIRA, S. A. de. A educação geográfica e a cidade: a geografia escolar, o método e o ensino da cidade. **Pesquisar – Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, v. 1, n. 1, p. 342-358, 2014. Disponível em: <http://stat.entrever.incubadora.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/3243>. Acesso em: 28. jun. 2021.

SOUZA, Gisele. *A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância*. São Paulo: Cortez, 2007.

SPOSITO, M. P. Os jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006)”, In Sposito, M. P., **O Estado da Arte sobre Juventude na Pós-Graduação Brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)** (Vol. 1, pp. 17-56). Belo Horizonte, MG: Argvmentvm. 2009.

TORREGROSA; J.R.E, & FERNANDEZ VILLANUEVA, C. La interiorización de la estructura social. In J.R. Torregrosa & E. Crespo. *Estudios básicos de psicología social* (pp. 234-82). Barcelona: Hora.1984.

VALENÇA, V. L. C. As crianças e a cidade: pontos de vista e práticas sociais/culturais. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 3, p. 792-810, 2018. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2475>. Acesso em: 28. jun. 2021.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

VOGEL, A. **Como as crianças vêm a cidade**. Rio de Janeiro: Pallas: Flacso: UNICEF, 1995.